

I Curso de Verão em Literatura, Humanismo e Cosmopolitismo

2022 | Exílio

Programa

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | **T:** (+351) 213 916 300

Sessão de abertura

2 de junho, 5^a feira, 17 horas

El exilio literario español de 1939: entre el peregrinaje y la nostalgia de volver

Muitos escritores espanhóis, exilados depois da guerra civil de 1939, procuraram diferentes formas de se referir à sua situação pessoal de desterro. Para alguns – como José Bergamín – o exílio obrigatório conforma-se, através da sua conceção cristã da própria existência, como uma “peregrinação”; quer dizer, como uma viagem de regresso obrigatório, porque o peregrino parte para regressar, outro e o mesmo, ao lugar de origem. Para outros – como Max Aub ou José Ricardo Morales – trata-se de optar, ou melhor: por se manter, como Ulisses, nas diferentes ilhas que o destino tenha posto no seu caminho; ou melhor: regressar, embora essa volta nunca deva supor “voltar” ao mesmo sítio que antes. Resulta, sem dúvida, interessante comprovar como, entre os seus equipamentos pessoais ou materiais, aqueles escritores desterrados levaram todo este tesouro imaterial: a cultura cristã e greco-latina que lhes proporcionava certa ancoragem nesses momentos incertos e nessas terras desconhecidas.

Teresa Santa María Fernández é vice-reitora de Ação Cultural, assim como professora e diretora académica do Mestrado Universitário em Didáctica de la Lengua y la Literatura en Educación Secundaria y Bachillerato na Facultad de Educación da Universidad Internacional de La Rioja. É membro do grupo de investigação GEXEL (Grupo de Estudios del Exilio Literario) da Universidad Autónoma de Barcelona e Investigadora Principal do projeto HDATEATROUNIR, que tem como objetivo criar uma biblioteca de textos teatrais espanhóis da Idade da Prata em linguagem TEI.

Sessão II

7 de junho, 3ª feira, 17 horas

Exilados políticos do Brasil e da Alemanha: sociabilidade e produção cultural

Regimes autoritários mantêm-se, frequentemente, pelo medo e perseguição a ideias e indivíduos contrários às suas pautas. Assim aconteceu na Alemanha sob domínio nazista, quando muitos intelectuais, artistas e políticos se viram forçados a deixar o país sob ameaça de serem enviados a campos de concentração ou mesmo mortos. De forma similar, a Ditadura Cívico-Militar brasileira impôs semelhantes ameaças de prisão, tortura e desaparecimento (entenda-se morte) aos opositores do regime nos anos 1960 e 1970. Esta conferência tem por objetivo traçar paralelos entre essas duas experiências de exílio político, buscando em relatos pessoais, cartas e depoimentos de desterrados revelar as dificuldades do afastamento da terra natal naquelas circunstâncias. Também será feito um breve comentário a algumas obras literárias relacionadas ao exílio alemão e brasileiro, respectivamente, ilustrando como tais vivências repercutiram na produção cultural daqueles países e períodos.

Patrícia Baialuna de Andrade é mestre e doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009) e pós-doutorada no Departamento de Letras Modernas da FFLCH – USP. Desde 2019, é professora de literaturas lusófonas na Brigham Young University (Provo-UT/EUA). É autora, entre outros, da obra *Vozes do desterro: Anna Seghers e os periódicos do exílio alemão* (2018).

Sessão III

9 de junho, 5ª feira, 17 horas

'the Bible of universal homelessness': o exílio no *Ulisses* de James Joyce

Esta conferência explora a ideia e a experiência de ser, sentir e pensar exilado, o que articula para muitos um sentimento essencial que permeou o século XX. Trata-se de um si-próprio (*self*) que é banido, disperso e multiplicado. A etimologia da palavra 'exílio' vem do latim *ex*, 'longe', e de '*ilē*', que é derivado de '*al*' e significa 'vagar', que por sua vez vem do grego '*alaoma*', 'vaguear'. Quando aplicado às obras-primas de James Joyce – *Ulisses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939) –, o exílio manifesta-se numa linguagem transformada e num logotipo rearranjado ('*chaosmos*' e '*thisorder*'); trata-se de um deslocamento na tensão entre *nómada* e *nomos* da terra, que se encontra na vocação do filósofo e poeta, que devem ser definidos como hereges, experimentadores e revolucionários. A nova linguagem de Joyce e as personagens e vozes que habitam as palavras são criações que vêm a partir de uma multiplicidade de perspectivas ou que procuram multiplicar-se – e é isso que significa ser um ser humano complexo e infinitamente curioso na modernidade e para além dela.

Bartholomew Ryan é investigador de Filosofia e membro integrado do IFILNOVA da Universidade Nova de Lisboa. O seu trabalho académico e criativo orbita em torno do tema central da 'transformação' e da pluralidade do sujeito, levando em consideração as máscaras, ecologias, viagens e identidades (múltiplas) que definem a condição humana moderna. Entre as suas várias publicações contam-se *Kierkegaard's Indirect Politics: Interludes with Lukács, Schmitt, Benjamin and Adorno* (2014) e a coedição dos livros *Fernando Pessoa and Philosophy: Countless Lives Inhabit Us* (2021), *Rostos do Si: Autobiografia, Confissão, Terapia* (2019), *Nietzsche e Pessoa: Ensaios* (2016) e *Nietzsche and the Problem of Subjectivity* (2015). Publicou também vários artigos sobre o 'teatro do si', relacionando a filosofia e a literatura, com particular foco em autores como Kierkegaard, Nietzsche, Pessoa e Joyce. É membro integrado do Grupo de Investigação *Ars Vivendi* e do Grupo de Estudos sobre Nietzsche

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300

(CultureLab/IFILNOVA), do projeto “Fragmentação e Reconfiguração: a experiência da cidade entre arte e filosofia” e da rede internacional ‘HyperNietzsche’. Foi investigador principal do projeto “A Pluralidade do Sujeito em Nietzsche e Pessoa” e participou ativamente como membro do projeto ‘Experimentation and Dissidence’ (2017-2019), no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Sessão IV

9 de junho, 5ª feira, 17 horas

O corpo em diáspora em trabalhos de artistas afro-brasileiras contemporâneas

Propomo-nos a estudar trabalhos recentes de artistas afro-brasileiras contemporâneas, cuja arte está enraizada na geografia e história específicas da cidade de Salvador-Bahia-Brasil, e significativamente ligada à ancestralidade e herança africanas. Este tema relaciona-se à pesquisa que atualmente está sendo desenvolvida pela palestrante através do programa de fellowship da Bayreuth Academy of Advanced African Studies, Africa Multiple Cluster da Universidade de Bayreuth na Alemanha. Nesta palestra, abordaremos a noção de corpo em diáspora com o enfoque nas mediações, concebidas enquanto tramas de imagens, gestos, textos, sons. Tendo como objeto de análise textos audiovisuais, pretendemos interrogar de que forma as narrativas mediáticas, concebidas como sistemas de representação, ou mesmo como a própria narrativa, nas suas múltiplas modalidades e formas, produzem territorialidades e arquivos alternativos de memória na cidade de Salvador, capazes de contestar e interrogar leituras hegemônicas da sua história. Em segundo lugar, é também nosso objetivo estudar esses trabalhos articulando-os a referências da literatura e da cultura africanas, caribenhas e afro-brasileiras. Esta abordagem comparativa tem potencial para explorar questões como: política cultural, centro/margem, decolonialidade, nacionalismo, migração e diáspora, raça, etnia, gênero e sexualidade, centrais para os debates decoloniais e pós-coloniais, e são também questões provocadas pelos trabalhos das artistas que nos propomos estudar.

Viviane de Freitas é atualmente pós-doutoranda no programa internacional de fellowship da Bayreuth Academy of Advanced African Studies, Africa Multiple Cluster, onde desenvolve a pesquisa sobre o tema desta palestra. Integra o grupo de pesquisa “Black Atlantic Revisited: African and South America UNESCO World Heritage Sites and

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300

Shadowed Spaces of Performative Memory”, coordenado pelos professores Ute Fendler, Gilbert Ndi Shang e Thierry Boudjekeu da Universidade de Bayreuth. É professora adjunta de Língua Inglesa e Literatura do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Brasil (CECULT/UFRB). Possui diversos artigos publicados sobre a experiência do exílio, tema da sua tese de doutorado, intitulada “Cartografias do Exílio: errância e espacialidade na ficção caribenha de Jean Rhys” (CAPES/UFBA), defendida em 2017.

Sessão V

21 de junho, 3ª feira, 17 horas

Os exílios na América Latina no século XX: perspectivas histórico-conceituais e redes transnacionais

A história da América Latina tem sido, desde o século XIX, marcada pelo exílio, seja ele forçado ou voluntário, seja para países do Continente Americano ou para a Europa. Grandes figuras do século XIX ilustram essa tradição: Sarmiento, no Chile; Montalvo, na Colômbia e na França; José Martí, na América Central e Estados Unidos. No século XX - o século do exílio -, continuaram a tradição Alejo Carpentier, Júlio Cortázar, Pablo Neruda, Darcy Ribeiro, Gabriel García Márquez, Chico Buarque de Holanda, Paulo Freire, Ferreira Gullar, Guillermo Cabrera Infante, Juan Gelman, Angel Rama e tantos outros. O exílio tem sido uma das mais importantes formas de expressão política na América Latina no século XX. A conferência tem por objetivo analisar as seguintes temáticas: o conceito de exílio e suas variações teóricas; o exílio a partir de escalas de análises que intercalam o local, o transnacional e o regional e a constituição de redes exilares.

Adriane Vidal Costa é professora associada do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, com graduação (1999), mestrado (2003), doutorado (2009) em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado na Sociologia na UNICAMP. Desenvolveu o projeto de pesquisa de pós-doutoramento "Darcy Ribeiro e as redes intelectuais latino-americanas: transnacionalidade, exílio e circulação de ideias (1964-1976)". Foi fundadora e coordenadora do Núcleo de Pesquisa em História das Américas (NUPHA/UFMG) e foi presidente da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC) no biênio 2016-2018. Coordena atualmente o Grupo de Pesquisa História Intelectual: narrativas, práticas e circulação de ideias (UFMG/CNPq). Tem experiência na área de História, com ênfase em História das Américas, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: história e culturas políticas, história

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300



intelectual, história e literatura, história dos exílios na América Latina, esquerdas latino-americanas, movimentos sociais na América Latina. Possui artigos, capítulos de livros e livros na sua área de atuação.

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | **T:** (+351) 213 916 300

Sessão VI

23 de junho, 5^a feira, 17 horas

Dualidade, estrangeiramento, exílio (Portugal, século XX)

Esta conferência retoma umas que abordei no passado (v.g., Leone 2005) e discute dois tópicos interligados no século XX: o tema da dualidade social e o tema do exílio. O primeiro é pensado como causa do êxodo nacional (Adérito Sedas Nunes) não apenas na década de 1960 mas também antes e depois; o segundo é relacionado com o tema dos 'estrangeirados', procurando dar conta de uma realidade poucas vezes trabalhada na historiografia cultural portuguesa, a saber, a experiência de um exílio interno, tão ou mais relevante do ponto de vista individual e social que a do exílio em sentido convencional do termo.

Carlos Leone (n. 1973) publicou o seu primeiro livro em 1999 («*Dez Críticas*», Colibri, Lisboa). Desde 2004 que publica regularmente na INCM, tanto obras suas como estudos relativos a autores portugueses dos séculos XIX e XX. O seu trabalho de maior fôlego, baseado na tese de doutoramento em História das Ideias, é o estudo sobre o discurso crítico «Portugal Extemporâneo» (2 vols., INCM, 2005). Publicou também «*O Essencial sobre Estrangeirados no Século XX*» (INCM, 2005), dedicando-se desde então ao estudo dos «estrangeirados», o que já o levou às universidades de Brown, Cambridge, Rutgers-Newark e a várias outras instituições. Dirige ainda a revista cultural «*Prelô*» (INCM, Lisboa, quadrimestral). Organizou, com Manuela Rêgo, o volume coletivo «*Liberdade sem Dogma. Homenagem a Sottomayor Cardia*», publicado pela Tinta-da-china em 2007. Em 2008 publicou, também na Tinta-da-china, o seu estudo sobre estrangeirados e, em simultâneo com o ensaio «*O Socialismo Nunca Existiu?*», publicou ainda na INCM «*O Essencial sobre Democracia*».

Sessão VII

28 de junho, 3ª feira, 17 horas

Cantar o exílio nos palcos: o gênero *sceneggiata* e a experiência migratória italiana em São Paulo na primeira metade do século XX

Surgida em bairros proletários do centro Nápoles no primeiro pós-Guerra, a *sceneggiata* (também conhecida no Brasil como canção encenada) é um gênero teatral híbrido em que canções populares se mesclam a um drama falado. Caracteriza-se pelo tom fortemente melodramático de sua trama e pela representação das vivências cotidianas de seu público de baixa renda. Seu enredo se estrutura em torno de conflitos interpessoais gerados por comportamentos em confronto com os valores compartilhados pelo grupo, tendo como locus comunitário o *vico* de Nápoles. Frequentemente, tem como tema as condutas culturais das chamadas “classes perigosas” napolitanas, o contraste entre a vida rural e a urbana e a experiência da emigração. Não por acaso, o gênero só se popularizou fora da Itália nas cidades que foram os principais destinos dos fluxos migratórios da Itália meridional. Tomando como objeto a difusão da *sceneggiata* na cidade de São Paulo entre os anos 1930 e 1940, a conferência discutirá como o gênero se articula com o sentimento de exílio entre os migrantes italianos, em três níveis: em sua produção cênica, realizada por artistas napolitanos residentes na América do Sul; em sua recepção, por um público formado majoritariamente por imigrantes italianos que mantêm ligações afetivas com a terra natal; e em sua dramaturgia, na medida em que seus textos representam a emigração e o sentimento de exílio a ela vinculado.

Virgínia de Almeida Bessa é Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Música da Unicamp, onde investiga as relações entre História e Cultura Sonora. Possui bacharelado e licenciatura em História, licenciatura em Música e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, em cotutela com a Universidade Paris Nanterre. Realizou pós-doutorado no IEB-USP, com bolsa PD-Fapesp (2016-2021), e no Laboratório

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300

Mondes Américains da EHESS de Paris, com bolsa BEPE-Fapesp (2019-2020). Tem experiência na área de ensino e pesquisa em História, com ênfase em História da Música, atuando principalmente nos seguintes temas: Música Popular, História da Cultura, Teatro Musicado, Cultura Sonora, História de São Paulo (século XX). Foi selecionada pelo PART (Programa de Atração e Retenção de Talentos da USP) para atuar como professora colaboradora de Graduação no IEB-USP (2020-2022). Foi professora substituta de História da Música no Instituto de Artes da Unesp (2014-2015). É membro do grupo de pesquisa Entre a memória e a história da música (DH-USP), do Laboratório de Estudos da Música e do Som - LEMS (IA-Unicamp), do Grupo de Trabalho Músicas Populares Urbanas (ARLAC/International Musicological Society), do Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares da Canção (IEB-USP) e da Linha de Investigação em Literatura, Humanismo e Cosmopolitismo do Centro de Estudos Globais, da Universidade Aberta de Portugal (CEG-UAb). Foi subcoordenadora do grupo de pesquisa Música e Ciências Humanas do Laboratório Interdisciplinar do IEB - LabIEB (2017-2018). É autora do livro *A escuta singular de Pixinguinha* (Alameda, 2010), contemplado com o Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música de 2010.

Sessão VIII

30 de junho, 5ª feira, 17 horas

Lá longe: Narrativas orais e escritas de jovens migrantes

Os processos migratórios se intensificaram nas últimas décadas, configurando novas fronteiras, convivências e experiências trazidas por pessoas em deslocamentos, seja exilados, refugiados ou em busca de segurança e oportunidades. Ao chegarem aos países de destino, são famílias e pessoas que enfrentarão novas línguas, modos de ser e conviver, tempos de adaptação. No movimento dos três Is (inserir, incluir e integrar), são os contextos escolares um dos principais focos dessas ações, sendo crianças e jovens a expressarem sentidos e narrativas dessa experiência humana e social. Deste modo, em fase ainda de recolha empírica vinculada a agrupamentos na região Centro de Portugal, o uso de egodocumentos, imagens de objetos e cartas, textos, desenhos sobre a viagem, o chegar e o estar, integram abordagem qualitativa e a partir de procedimentos de observação e entrevistas individuais. Valorizando a diversidade de origem étnico-racial, de gênero e faixa etária, as "expressões de Humanidade" desses sujeitos revelam trajetórias, sentidos e percepções.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti é luso-brasileira, com experiência de mais de vinte anos no campo da educação e direitos humanos. Investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Doutorado em História, com ênfase em Relações Internacionais e Direitos Humanos – Universidade de León. Na área acadêmica, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação do Programa em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Professora visitante do Centro de Estudios Brasileños da Universidade de Salamanca na área de História Contemporânea e Tempo Presente (CNPq). Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL/CNPq). Desde 2017, atende como investigadora associada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

Sessão IX

4 de julho, 2ª feira, 17 horas

Palimpsestos de *Gênesis* e *Êxodo* em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector

Na literatura universal, muitas são as obras a descrever o desafiador processo humano de *exílio*, acompanhado de perdas e dor. No ocidente, a *Bíblia* oferece referências fundamentais para o aparato cultural da arte. O tema *exílio* é amplamente abordado na literatura bíblica, mas mesmo a experiência de errância presente no seminomadismo do *Pentateuco* aponta para isso. A leitura da obra clariceana fornece elementos para que se percebam indícios de Clarice Lispector ter bebido da fonte bíblica para a construção do itinerário de sua personagem Martim, protagonista de *A maçã no escuro*. Nessa conferência, traçar-se-á um cotejamento de *A maçã no escuro* com narrativas dos dois primeiros livros bíblicos: *Gênesis* e *Êxodo*. Por essa via se aproximará do próprio tema bíblico *pesach*, na perspectiva da fuga de Martim.

Tânia Dias Jordão é Doutorada em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Mestre em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Minas Gerais; Licenciatura Plena em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e Teologia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Vasta experiência em Educação – seja na formação de professores, seja no magistério, nos diferentes segmentos. No Ensino Superior, ministrou as disciplinas: Cultura Religiosa I e II; Hermenêutica dos Textos Sagrados; Literatura Brasileira; Identidades Culturais e Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP); Cultura Brasileira; Língua Portuguesa; Relações Históricas, Culturais e Econômicas: Brasil - África Negra. Experiência, ainda, em Teologia Pastoral e Antropologia Africana, tendo vivido e trabalhado em aldeias do Niassa, em Moçambique, e sido Leitora do Brasil na Universidade Omar Bongo, em Libreville, Gabão. Foi Pastoralista na Rede Filhas de Jesus (Colégio Imaculada Conceição) por mais de dez anos e membro da equipe executiva do Observatório

da Evangelização da Arquidiocese de Belo Horizonte - PUC Minas de sua fundação até maio de 2018.

Sessão X

4 de julho, 2ª feira, 17 horas

Diáspora, exílio e ensílio na literatura da seca: o romance *O Quinze*

A conferência trata de um recorte semântico em torno dos estudos que venho realizando sobre a literatura da seca no Brasil, em específico sobre o romance da escritora cearense Rachel de Queiroz, *O Quinze*. Trago para esse debate as reflexões teórico-metodológicas sobre os conceitos de diáspora e de exílio e ensílio e suas conexões e continuísmos neste romance literário. Venho a pensar que a metáfora da partida, do desgarramento da terra e do lar, vivenciados por povos subalternizados, na literatura da seca no Brasil, em especial, na região Nordeste também se enquadra no bojo dos processos diaspóricos contemporâneos em novas formas de exílios. Adianto que o exílio, aqui pensado, é aquele que se processa dentro da própria nação, uma vez que as personagens do romance estudadas são retirantes à procura de um novo lar, de uma nova vida longe da seca que assola suas terras. Assim o exílio ganha nova roupagem analítica e se configura no que Illánz (2006) denominou de ensílios.

Marcos Silva é Professor Adjunto II da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, vinculado ao Instituto de Humanidades - IH. Doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência, vinculado à Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Conflito, Sociologia da Violência. Atua nos seguintes temas: Segurança Pública, Polícia, Violência urbana, criminalidade. Também trabalha na área da educação, especialmente nas interseções entre Sociologia, Pedagogia e Educação, História e Antropologia: humanidades. Coordenador do projeto de extensão Um tesouro chamado Nordeste (2018-2021): a arte do saber popular - da criação ao espetáculo.

Sessão XI

11 de julho, 2ª feira, 17 horas

O exílio de Celso Furtado e o golpe civil-militar no Brasil em 1964

Nesta conferência, tenciono-se comunicar alguns resultados da minha pesquisa de pós-doutoramento realizada no Instituto de História Contemporânea da Universidade de Évora, Portugal, que tem como título *“Ciência antropofágica”: temporalidades e economia no pensamento de Celso Furtado*. Então, farei uma exposição sobre como Celso Furtado narrou o seu exílio e o impacto que isso gerou em sua vida. Para isso, olharemos a sua autobiografia, analisando a sua escrita de si e como construiu essa narrativa. Em 1964, com o golpe civil-militar e a edição do Ato Institucional nº 1 (AI-1), os direitos políticos de Celso Furtado foram cassados, sendo obrigado a sair de seu país, deixar a sua família e as conquistas profissionais e materiais que até aquele momento conquistara. Entretanto, o governo ditatorial não ficou satisfeito só com o exílio de Celso Furtado, mas construiu estratégia de prejudicar a realização de seus sonhos fora do Brasil a fim de diminuir o seu poder de fala. Verificaremos, enfim, como Furtado respondeu a isso e continuou defendendo o retorno da democracia para o Brasil.

Assis Daniel Gomes realiza atualmente o estágio pós-doutoral na Universidade de Évora (Portugal) - Instituto de História Contemporânea, atuando na área de História e Filosofia da Ciência e desenvolvendo a pesquisa "Ciência antropofágica: temporalidades e economia no pensamento de Celso Furtado"; e uma instância de investigação na Universidade de Salamanca (Espanha) - Instituto de Iberoamérica - desenvolvendo a pesquisa “?Ciencia antropófaga?: economía e la pobreza del nordeste brasileiro en el pensamiento de Celso Furtado". Faz parte do grupo de investigadores da linha Literatura, Humanismo e Cosmopolitismo do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (Lisboa - Portugal). Faz parte do corpo de pesquisadores que estão produzindo o "Dicionário Global de Espiritualidade e Mística” (direção: Eugénia Abrantes e José Eduardo Franco) - projeto do

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300

Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO, Portugal) em parceria com a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP). Realização de intercâmbio cultural em Malta - país pertencente a União Europeia (2018 - 2019), com o objetivo de aprimorar o Inglês Britânico (Curso realizado na Ace English Malta). Realização também de intercâmbio cultural na cidade de Cusco - Peru (2018), com o objetivo de aprimorar o idioma Espanhol (Curso realizado no Mundo Antigo Spanish School, interagindo 100% do tempo com nativos e estudantes de outras nacionalidades), de estudar o Quechua (língua dos Incas e atualmente um dos idiomas falados pelo povo andino - Curso realizado na Wiracocha Spanish School e um curso de longa duração pela Pontifical Catholic University of American - EUA e Fundación das Bien - Perú) e participar da III Jornada científica de bioarqueologia: procesos de momificaciones humanas a traves del tiempo (evento para profissionais da área), realizada pelo Ministério da Cultura do Peru / Dirección Desconcentrada de Cultura de Cusco. Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em História Contemporânea pela FJN, especialista em Filosofia e Teoria do Direito pela PUC – Minas Gerais, especialista em Filosofia e Teoria Social pela Faculdade Alfa América, graduado em História pela URCA, graduado em Filosofia pela Faculdade entre rios do Piauí e graduando em Teologia pela Uninter. Atuante nas seguintes áreas: História, Filosofia e Teologia.

Sessão XII

14 de julho, 5ª feira, 17 horas

Emigração e xenofobia: Desafios das práticas humanistas

A presente sinopse discute os desafios das práticas do humanismo no âmbito das emigrações, cuja a base de análise é de experiências africana no tratamento de emigrantes na África do Sul através de análise de atos xenófobos que aconteceram naquele espaço geográfico. Para a sua análise, discussão e reflexão, serão recorridas experiências epistemológicas do nacionalismo africano e da filosofia ubuntu. Quanto ao panorama metodológico, o estudo é construído com base na revisão bibliográfica, e no quadro do curso do verão, a conferência será feita com base na apresentação de imagens e textos que reivindicam as práticas de humanismo em África cujo impacto é mundialmente reconhecido.

Armindo Armando é doutorando em Língua, Cultura e Sociedade na Universidade Zambeze – Moçambique, com intercâmbio académico com a Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais (Setembro 2021 – Março - 2022), na fase de elaboração da Tese. Mestrado em Ciências Políticas e Relações Internacionais com Especialidade em Resolução de conflitos e Diplomacia, Licenciado em Ensino de Filosofia com Habilitações em Ensino de História, Investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) na Universidade do Minho; revisor de par convidado na revista REVISE da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e Revista Gragoata da Universidade Fluminense - Brasil, colaborador da rede internacional de pesquisa sobre Aprendizagem e Cultura Organizacional da Universidade Federal Rural Rio de Janeiro – UFRRJ. Possui experiências de docência universitária em Moçambique, experiência em pesquisas de alto impacto em publicações e comunicações científicas.

Sessão XIII

18 de julho, 2ª feira, 17 horas

O exílio existencial nas tragédias de Sófocles

Tendemos a representar o exílio apenas ou principalmente no sentido social ou político do termo; “exílio” refere-se, nesse sentido, ao local, ao ato e/ou às consequências da expulsão, do desterro, da deportação, do degredo, etc., a que alguém é compulsiva ou voluntariamente exposto. Há, no entanto, um sentido existencial de exílio – “exílio” refere-se, neste sentido, a uma apreciação judicativa da situação em que se está na qual podemos incorrer em nossa própria casa e na qual pode não incorrer alguém compulsiva ou voluntariamente exposto ao exílio no sentido social ou político do termo. Partindo das tragédias de Sófocles, e dos muitos casos de exílio que nos lega, procurará brevemente argumentar-se que o sentido existencial de “exílio” tem precedência sobre o sentido social ou político na experiência radical do exílio e, mais ainda, que desse sentido existencial depende o que é propriamente trágico no destino de alguém social ou politicamente exposto a uma situação de exílio.

Bruno Venâncio (1978) é doutorado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa (2016) e doutorando no Programa de Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa desde 2020. Coordena a linha de investigação em Literatura, Humanismo e Cosmopolitismo do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta.

O exílio existencial na composição do *Fausto* de Pessoa

O estudo apresenta uma reflexão acerca da profunda solidão presente no *Fausto* inacabado de Fernando Pessoa. A partir de uma releitura do *Fausto* de Goethe, o autor nos apresenta um universo psicológico que se abre em um abismo de solidão, medo e eterna insatisfação, típicos do ser faustico por excelência.

Pretende-se adentrar à composição heteronímica de Pessoa, mostrando como o universo psicológico peculiar do autor leva Fausto a questionar sua existência, o amor, a solidão e o exílio de si mesmo, uma vez que não consegue se relacionar com o que lhe é externo. O aprofundamento de seus limites psicológicos o impede de vivenciar o amor pela figura feminina que se apresenta na tragédia e, portanto, coloca-o em crise devido à incapacidade de vivenciar as sensações humanas.

Débora Domke Ribeiro Lima possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2003). Mestrado em Estudos Literários pela mesma instituição (2005). Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (2013). Participou do Mestrado em Interculturalidade, com bolsa Erasmus, promovido pela Universidade de Tallinn, Estônia (2016).

Sessão XIV

18 de julho, 2ª feira, 17 horas

Migrações, exílios, diásporas: Memórias humanas inscritas em paisagens urbanas

A partir de sua trajetória como arquiteto, arqueólogo e documentarista, o autor revisita cenas e imagens de lugares habitados, além de referências a fontes históricas e experiências de viagem, refletindo sobre o movimento humano por geografias e tempos distintos das paisagens de cidades por ele representadas em documentários que dirigiu. Conceitos como Palimpsesto, Ruínas, Corpo e Teatro serão igualmente revisitados durante as reflexões ilustradas sobre o tema proposto.

Silvio Luiz Cordeiro construiu uma trajetória acadêmica transversal ao realizar projetos e estudos, especialmente em ciências humanas, relacionados com atividades de produção cultural e artística. Fotógrafo e documentarista independente desde os anos 1990, dirigiu e produziu diversos documentários sobre arquitetura e urbanismo, patrimônio histórico e arqueologia, cultura indígena, entre outros, alguns dos quais premiados no Brasil e exterior. Arquiteto urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP) e doutor em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE USP), incorpora a produção audiovisual e fotográfica em estudos e projetos culturais relacionados ao patrimônio histórico e arqueológico. Produziu documentação audiovisual e fotográfica no Chile, Bélgica, Itália e Portugal, além de constituir, em parceria com a equipe do Laboratório de Vídeo da FAU USP (VideoFAU), um acervo documental em vídeo, áudio e fotografia sobre técnicas vernáculas de construção em comunidades rurais e sobre o habitat urbano em diversas regiões brasileiras. Em 2011 criou a Mostra Audiovisual Internacional em Arqueologia (MAIA), com quatro edições já realizadas. Entre seus projetos recentes estão o documentário Antiga Amazônia Presente, primeiro longa-metragem sobre arqueologia amazônica, lançado em 2015 no Museu da Imagem e do Som em São Paulo; a projeção

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300

noturna (video mapping) nas ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, com apresentações desde 2017; e, no mesmo ano, o documentário Entre Pedras, Textos e Imagens. Coordena com parceiros em Portugal, a série internacional de encontros transdisciplinares ANTROPOCENICA. Como pesquisador independente, elabora ensaios em arquitetura e urbanismo, património histórico e arqueologia urbana relacionados com o imaginário do habitat e a dinâmica de paisagens no tempo, em parte publicados no sítio transver.tv.br. Dirigiu a produtora Museu Imaginário - Arte, Cultura e Ciência. Atua como curador, produtor e consultor em projetos culturais. Desenvolve cursos e oficinas em comunidades pelo Brasil, inclusive indígenas. Diretor, produtor cultural e editor pela Nômade - Arte & Editoria.

Sessão XV

21 de julho, 5ª feira, 17 horas

Representações do Exílio – Narrativa, Cinema e Fotografia

O Holocausto e a descoberta dos campos de concentração constituem momentos decisivos na história ocidental do século XX. Juristas, historiadores e artistas procuram entender a anulação da identidade jurídica individual nos campos de concentração, contrariar a negação do genocídio judeu e superar a barreira ética e linguística na representação literária e visual do Holocausto. No entanto, o Shoah representa um de inúmeros genocídios na história novecentista sendo precedido e sucedido por outros genocídios. As circunstâncias étnicas, religiosas, políticas e económicas dos séculos XX e XXI desembocam em fluxos migratórios globais e distintas respostas narrativas e artísticas dedicadas à experiência do exílio e à figura do refugiado. «Representar o Exílio – Narrativa, Cinema e Fotografia» propõe 1) definir o enquadramento teórico e ético da representação do Holocausto e do exílio, 2) definir a condição interdisciplinar e plurilingue da produção e receção referentes ao exílio e 3) analisar o uso da narrativa (ensaio e autobiografia), cinema e fotografia nas obras *Sob Um Céu Estranho. Uma História de Exílio* (2007) de Daniel Blaufuks, *Three Rings. A Tale of Exile, Narrative, and Fate* (2020) de Daniel Mendelsohn, *Na Presença da Ausência* (2020) de Mahmoud Darwich e *Human Archipelago* (2021) de Teju Cole e Fazal Sheikh. A análise das obras permitirá demonstrar os momentos-chaves na história moderna a desencadear fluxos migratórios e os méritos artísticos e limitações éticas aliados à sua representação.

Pedro Quintino de Sousa é doutorado em Literatura (2016) e docente na área de línguas (UAlg – FCHS). Desenvolve investigação interdisciplinar dedicada a autores de línguas portuguesa, inglesa e francesa como membro integrado do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve e colaborador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). Analisou autores como Gonçalo M. Tavares,

George Steiner, Georges Didi-Huberman, Cynthia Ozick, Aleksandar Hemon ou Viet Than-Nguyen, o que lhe permitiu proceder a uma crítica literária, filosófica e multilingue a questões como a representação histórica e artística do Holocausto, os movimentos migratórios como produto e produtores de identidade e cosmopolitismo nos séculos XX e XXI na Europa e nos Estados Unidos da América ou a reintegração de povos deslocados em contextos multiculturais e multilingues.

Sessão de encerramento

27 de julho, 4ª feira, 17 horas

Entrevista com Marta Raquel Zabaleta, presidida por Luciana Martinez

Marta Raquel Zabaleta é uma economista, cientista social, escritora, poeta, ensaísta, professora e promotora cultural argentina-britânica. Tem uma graduação na Universidad Nacional del Litoral, em 1960, e estudos posteriores na Universidad de Chile, onde estudou o desenvolvimento económico e social da América Latina. A vocação feminista e humanitária rendeu-lhe prisão pelos regimes militares do Gen. Juan Domingo Perón (1954) na Argentina e do Gen. Augusto Pinochet (1973) no Chile. Repatriada por decreto do Presidente da Argentina, em 1973, foi expulsa pelo governo de Jorge Rafael Videla (1976), com destino ao Reino Unido, onde vive desde então. Obteve o doutoramento em Development Studies no Institute of Development Studies da Sussex University em 1989. O seu trabalho científico e literário apareceu em inúmeros jornais e revistas internacionais; vários dos seus poemas foram traduzidos e/ou selecionados para exposições e antologias internacionais de poesia e arte. Fundou e ainda coordena a rede internacional 'Women and Arts in the World', assim como um grupo de trabalho do European Council of Social Research on Latin America. Tem sido alvo de prémios e homenagens internacionais. É autora de livros como *Women in Argentina: Myths, Realities and Dreams* (1993), *Feminine stereotypes and roles in theory and practice in Argentina before and after first lady Eva Peron* (2000) ou *El cuerpo importa* (2002).

Luciana Martinez é doutoranda do Programa de Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e bolsreira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a dissertação "O dia em que o passado surgiu no horizonte do país do futuro: tempos e espaços pós-coloniais no porto do Rio de Janeiro". Tem licenciatura em Comunicação Social e mais de dez anos de experiência de trabalho como

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CEG-UAb)

Universidade Aberta – Palácio Ceia

Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa – Portugal

E: ceg.estudosglobais@uab.pt | T: (+351) 213 916 300

jornalista – a maior parte deles dedicados à cobertura da política internacional. Dedicar-se sobretudo a temáticas relacionadas a teorias pós-coloniais e à memória da colonização no Brasil, nomeadamente em suas articulações com concepções de tempo e pensamentos sobre o espaço - perspectiva que tem explorado em publicações e apresentações diversas.